

## AQUISIÇÃO DE L2 E A TEORIA GERATIVA

Hely D. C. Fonseca\*  
(UEFS)

### RESUMO

Neste trabalho, comparamos dados de aquisição do PB como L1 com dados de aquisição do PB como L2, com o objetivo de encontrar um entendimento melhor dos mecanismos que operam nos dois tipos de aquisição. Há consenso, quando se trata da aquisição de L1, quanto ao acesso à GU. Quando o assunto é a aquisição de L2, por não existir tal consenso, procuramos estudar o PB como L2, com o objetivo de esclarecer a questão do acesso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aquisição da L1. Aquisição de L2. Teoria Gerativa

### INTRODUÇÃO

A teoria gerativa responde ao chamado problema de Platão<sup>25</sup>, afirmando que a capacidade para falar é inata, fazendo parte da bagagem genética de todas as pessoas. É a tese do inatismo, que atribui um conhecimento interno ao falante. A comprovação dessa capacidade dos falantes se traduz por diferentes habilidades como, por exemplo, a de julgar sentenças aceitáveis ou não, o domínio das anáforas, sem que nenhuma instrução formal tenha sido feita e pela compreensão e produção de frases nunca antes ouvidas.

A tarefa da criança no processo de aquisição é, segundo o modelo de Princípios e Parâmetros, basicamente a de fixar os valores dos parâmetros abertos que estão na GU. A criança, exposta a uma língua, deverá atribuir um determinado valor a um parâmetro, proposto como binário, com as possibilidades de marcação para [+] ou para [-] para uma determinada

---

\* Doutora em Linguística pela Unicamp. Professora de Língua Inglesa da Universidade Estadual de Feira de Santana/BA. E-mail: cabral@uefs.br.

<sup>25</sup> Ou problema lógico da aquisição da linguagem, aponta que o tempo, muito curto que uma criança leva para aprender a língua materna, de grande complexidade, com dados pobres e limitados do *input*, não poderia acontecer via aprendizagem de regras. As crianças demonstram saber muito mais do que os dados recebidos.

propriedade. A ideia inicial era de que havia uma disposição neutra para os dois valores (+) e (-) Chomsky (1981 e 1986). Nesse caso a criança, partindo de sua experiência linguística, decidiria em qual das duas posições um parâmetro deveria ser ligado, partindo, portanto, de uma posição neutra.

Chomsky (1986) relaciona a concepção de competência linguística à língua I, e a de desempenho à língua E. A língua I, por esse modelo, é o resultado da interação da GU com os dados linguísticos primários, com o ambiente social e afetivo em que a criança se encontra. Língua E (externa) é um conjunto de sentenças produzidas em uma determinada comunidade, que mostram as regularidades, abstraindo-se os mecanismos internos responsáveis pela produção do falante.

Com a evolução das pesquisas na teoria gerativa, surgiu uma nova proposta: a proposta do *default*, ou marcada, em que a criança já traria, em sua GU, o parâmetro fixado em um dos dois valores, mesmo antes de ter sido exposta aos dados de sua L1. Se a língua meta tivesse o valor oposto, a criança teria que reassentar o parâmetro.

Há que considerar, no entanto, um outro posicionamento, proposto por Roeper (1999), para quem, não há reassentamento de parâmetros, mas sim um bilinguismo na aquisição de L1.

O PB pode ser descrito da seguinte maneira:

A) Não apresenta variação entre a principal e a subordinada. A negação é sempre pré-verbal, seja com verbo principal ou auxiliar, com verbo finito ou não finito.

- (01) a) Ele **não** foi porque **não** tem tido notícias.  
b) **Não** ter podido ir fez Maria ficar furiosa.

B) Nada interrompe a adjacência entre a negação e o  $V_{fin.}$ , a não ser clíticos.

- (02) a) Ela **não** considera o Pedro inteligente.  
b) \* Ela **não** já/sempre foi ao cinema.

c) Ela **não** me viu.

Quando há presença de palavra-n em posição pós-verbal, o PB tem CN na maioria dos dialetos e na escrita, mas não quando esse tipo de palavra aparece em posição pré-verbal.

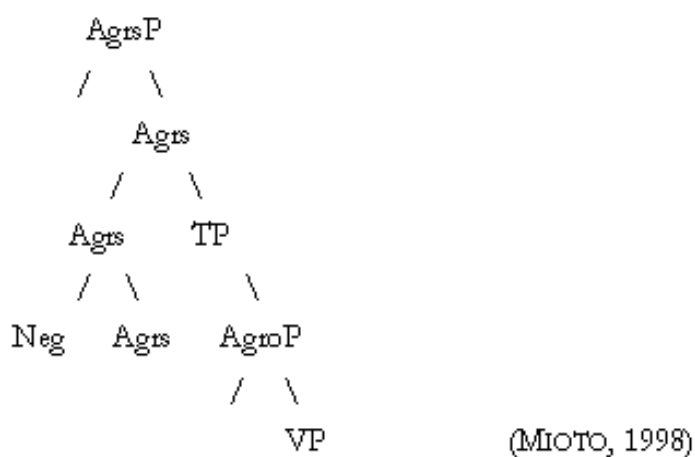
- (03) a) **Não** encontrei **ninguém** lá.  
 b) Ele **não** deu **nada** a **ninguém**.  
 c) Ela **nada** fez.<sup>26</sup>  
 d) **Ninguém** esteve aqui.

C) Palavras-n em posição pré-verbal podem também instanciar CN.

- (04) a) **Ninguém** viu **nada**.  
 b) Ela **nunca** disse **nada**.

Basicamente, essas são as estruturas que o estrangeiro precisa aprender/adquirir para expressar-se na maioria dos dialetos do Brasil.

Mioto (1998) propõe a seguinte representação para a negação do PB, com a especificação [+ Neg] gerada sob o núcleo AgrsP, conforme diagrama abaixo:



<sup>26</sup> Construção arcaizante.

Mioto (1998) sugere [+ Neg]<sup>27</sup> seja gerado sob a categoria mais alta do sistema I.

No caso de aquisição de uma segunda língua (L2), discute-se qual seria o estado inicial (S<sub>0</sub>) para a L2. De onde partiria o falante, que já tem uma L1, com os parâmetros marcados? As possibilidades abertas da GU estariam disponíveis para esse falante? Ou teria o falante acesso somente aos parâmetros marcados de sua L1? O que acontece com a GU? A sintaxe de L1 seria transferida para L2? Se o falante já tiver passado do período crítico para aquisição da linguagem, o que acontece?

A questão do acesso à GU é entendida e respondida de formas diferentes conforme a concepção de GU vai se modificando na teoria.

Partindo do pressuposto de que o adulto, ao aprender uma segunda língua (L2), já marcou o valor do parâmetro para sua primeira língua (L1), discute-se como seria o comportamento desse adulto no caso em que sua L1 e a língua alvo apresentem valores diferentes para um mesmo parâmetro.

Existe uma linha de pesquisa que nega haver acesso à GU, é a hipótese do **Acesso Nulo** (CLASHEN; MUYSKEN, 1986; BLEY-VROMAN, 1989). Esta hipótese considera a aquisição de L2 como um fenômeno não linguístico. A ideia básica é de que a aquisição de L2 é constrangida por faculdades cognitivas que são distintas daquela do domínio específico da linguagem, da GU. Princípios operacionais dariam conta da aprendizagem de L2, sugerindo que as estratégias para aprendizagem de L2 derivam das ideias de Piaget sobre princípios formais de operação, que incluem a capacidade de análise distribucional, de analogias, de habilidades de formular e testar hipóteses.

Resumindo, os defensores do Acesso Nulo sustentam que a aquisição de L1 por crianças e a aquisição de L2 por adultos são processos cognitivos fundamentalmente diferentes. Os proponentes dessa hipótese se apoiam na ideia conhecida como 'período crítico', formulado por Lenneberg (1967) para a aquisição da linguagem.

---

<sup>27</sup> No Programa Minimalista haverá referência a traços negativos e haverá checagem desses traços, a categoria NegP pode não ter estatuto nesse programa.

A hipótese de Lenneberg (1967) defende a existência de um **período crítico** para aquisição da linguagem entre dois e doze anos de vida de um indivíduo. Lenneberg propôs essa teoria de forma detalhada, baseando-se em estudos da literatura clínica sobre acidentes que afetavam partes laterais do crânio e em casos de remoção de um hemisfério cerebral em crianças. O autor relaciona a lateralização de funções no cérebro com a perda da capacidade de aquisição da linguagem na puberdade.

Embora essa hipótese tenha encontrado opositores, pelo fato de que hoje se sabe que a lateralização é concluída por volta dos cinco anos de idade (Carroll, 2001), a hipótese de Lenneberg encontra eco na vida real, uma vez que a grande maioria de adultos experimenta algum tipo de dificuldade para aprender uma L2. Além disso, estudos sobre a aquisição de uma L2 mostram que a aprendizagem de uma segunda língua aumenta em dificuldade com a avanço da idade.

Hoje, fala-se em período sensível em vez de período crítico para aprendizagem de línguas.

O caso de crianças selvagens ou vindas de lares de pais psicóticos, encontradas depois da puberdade, como é o caso de 'Genie' (PINKER, 2002), encontrada em 1970 com 13 anos e meio, num subúrbio de Los Angeles, mostra que também a L1 está sujeita ao período crítico. *Genie* não conseguiu dominar a gramática da língua inglesa. O fato desses sujeitos não terem tido a oportunidade de desenvolver uma L1 pode ter significado a perda da habilidade para a aquisição de uma gramática plena. Por outro lado, o *input* dado a esses sujeitos foi instrucional, com treinamento intensivo, não sendo, certamente, o tipo de aprendizagem por imersão.

A hipótese do **Acesso Pleno**<sup>28</sup> propõe que a gramática de L2 sofre inicialmente transferência total da L1, sem incluir as matrizes fonéticas e a morfologia. O termo de Acesso Pleno (*Total Access*), não traduz bem a ideia, pois se assim fosse, deveria incluir as matrizes fonéticas e a morfologia.

O desenvolvimento é visto como uma função da reestruturação progressiva da gramática de L1, através do acesso à GU, devido à incompatibilidade entre o *input* de L2 e a gramática de L1 em uso.

A hipótese denominada de **Acesso Parcial** abrange, pelos menos, duas linhas de pesquisa. A posição defendida por Vainikka; Young-Scholten (1996), chamada de *Minimal Trees*, é uma abordagem maturacionista, que argumenta que apenas as categorias lexicais são transferidas da gramática de L1 quando da aquisição de L2, existindo um estágio inicial sem categorias funcionais para a aquisição de L2. A projeção clausal inicial, na aquisição de L2, é apenas um VP, com o sujeito em Spec de VP. A criação de projeções funcionais vai acompanhar o desenvolvimento do falante.

A proposta de Eubank (1996), denominada por ele de Teoria de traços inertes (*Valueless features*), ou sem valor, difere da proposta de Vainikka; Young-Scholten porque, para esse autor, as categorias funcionais são tomadas da L1, porém, sem os traços flexionais das categorias lexicais que não podem ser transferidas para a L2 e ficam destituídas (*valueless*) de valor na língua alvo.

Para Meisel (2000), o cenário sugere que a GU formata o conhecimento gramatical de L2, pelo menos em parte, ou seja, pode-se prever que os aprendizes tenham acesso indireto à GU, via gramática de L1.

Encontramos, ainda, outras abordagens para a questão da aquisição de L2.

Refletindo sobre sua própria capacidade bilíngue, Kato (2002) considera que aquisição de L1 e de L2 não diferem, pelo menos, se as condições do *input* forem similares, ou seja, se o *input* for natural, robusto e não-ordenado. Argumenta a autora, que, se um falante se torna competente em L1 ou L2, essa competência nunca será afetada ou perdida, embora possa haver perdas de proficiência.

Kato, admite que houve, no caso de sua aquisição do Português como L2, acesso à GU, e que o estado inicial foi o mesmo de uma criança aprendendo sua primeira língua, já que o *input* foi natural e não ordenado. Porém, para a aquisição de Inglês, sua L3, ela afirma que ocorreu algo diferente, pois a sua aprendizagem não contou com um *input* natural, mas sim instrucional.

---

<sup>28</sup> Posição defendida por Schwartz, Sprouse (1996).

Os adeptos da tese do período crítico afirmam que o aprendiz nunca adquire uma L2 com igual competência de sua L1. Kato (2002), ao contrário dessa visão generalizada, defende a ideia de haver uma idade crítica diferenciada somente para a aquisição da prosódia e da fonologia. No caso da concordância de gênero, por exemplo, que tem muito de fonológico, haveria, sim, uma idade crítica para essa aquisição.

Para a morfologia e a sintaxe, observa Kato, os fatos indicam que a L2 pode ser adquirida com igual competência de uma L1, por adultos, se o *input* for robusto e não ordenado. Casos famosos na literatura corroboram essa afirmação. Podemos citar o escritor Joseph Conrad, polonês de nascimento, naturalizado inglês, que dominava perfeitamente a sintaxe da língua inglesa, tendo escrito vários romances. Outro exemplo é o do filólogo Otto Jespersen, dinamarquês, que escreveu vários livros sobre a língua inglesa, entre eles, a conhecida gramática ‘The Philosophy of Grammar’ e o livro sobre a negação nas línguas ‘Negation in English and other languages’.

Um autor, com trabalho bastante recente, que trata a aquisição de L1 como um tipo de bilinguismo, é Roeper (1999), cujo posicionamento passamos a comentar com mais detalhe.

Roeper (1999) afirma, apoiando-se em dados empíricos, que somos todos bilíngues quando crianças. O *Theoretical Bilingualism* (TB), proposto por ele, é definido em termos minimalistas tal como na sintaxe apresentada por Chomsky (1995).

Tomando como ponto de partida exemplos da aquisição da língua inglesa, como ‘I want’ e ‘me want’, o autor mostra que as duas formas resultam porque a marcação de Agr<sup>29</sup> é opcional na gramática da criança: ‘I want’ ou ‘he wants’ revela Agr e ‘me want’, não. A criança passa a ser monolíngue ao fazer Agr obrigatório.

A alternativa oferecida por Roeper é a proposta da existência de um bilinguismo em que se postula que:

(05) a criança tem duas gramáticas, uma com Agr e outra sem Agr.

---

<sup>29</sup> Agr = traços formais de um item lexical que podem ser ( $\pm$  interpretável) (Chomsky, 1995).

G1: TP = +/- Tense, +/- Agr

G2: TP = +/- Tense

Lembrando que Chomsky (1995) mostra que Agr é um traço de TP, o autor menciona que essa afirmação torna o cenário mais plausível para sua teoria, que explica que a criança pode não ter um traço formal, Agr, mas tem o nóduo TP, conforme (1) acima.

No caso da existência de duas gramáticas, uma deve representar uma gramática *default*, denominada pelo autor de *Minimal Default Grammar* (MDG), que funcionaria com economia ótima.

Quando o valor *default* do parâmetro é diferente do valor definido na L1 a diferença é notada. Na negação, o que estamos assumindo como *default*, [Vneg] foi considerado como um tipo de erro em muitos trabalhos. Meisel (1997) observa que construções do tipo [Vneg] são utilizadas por crianças que têm Espanhol como L1, com exemplos como 'jugar no', acrescentando que esse tipo de 'erro' também ocorre na aquisição de L1 de outras línguas como o Basco.

No caso da negação do Português, estamos assumindo que a estrutura [V não] é o *default*, por ter sido encontrado na aquisição do PB por crianças de Campinas/SP e de Florianópolis/SC, e que não dispunham dessa estrutura no *input* recebido.

É interessante considerar a proposta de Roeper, quando se pensa na aquisição de L2, porque a aquisição de L2 parece se apoiar em uma gramática anterior, o que não acontece para quem nunca teve uma L1, como nos casos de *Genie* e de *Nell*. Se aprender uma L2 é ativar uma gramática que está à parte, reservada, o aprendiz precisa ter passado por essa fase em L1.

Passamos a apresentar as hipóteses que adotamos para nosso estudo na aquisição da sintaxe, por imersão:

a) o acesso à GU pode ser a1): indireto via L1, ou a2) direto, via gramática *default*.



b) se a L1 do aprendiz tiver o mesmo valor paramétrico das propriedades da L2, a L1 atuará como o estado inicial, podendo-se observar a aquisição instantânea;

c) se a L1 do sujeito for marcada diferentemente da L2, o acesso à GU será direto, podendo- se observar um estágio de gramática *default*.

Nossos informantes pertencem a línguas de tipos diferentes quanto a terem:

- a) movimento de V para I ou não;
- b) Neg no núcleo ou em XP; tendo como consequência permitirem ou não,
- c) a concordância negativa (CN).
- d) negação externa

Os falantes de línguas +CN, espanhol, francês e italiano estão no grupo I. No grupo I, com as três línguas examinadas a teoria de  $S_0 = L1$  foi plenamente verificada. No grupo II, estão as amostras do inglês americano e a de Chinês Cantonês, línguas (-CN). Analisamos, também, uma amostra de Polonês, língua [+CN].

Nosso interesse pelos estágios iniciais da aquisição de L2 norteou a coleta de dados dos informantes, a partir do momento em chegaram ao Brasil, com o início das gravações num período de 1 a 4 meses. Embora tenhamos nos concentrado nos estágios iniciais, precisamos registrar que, como afirma White (1996:8), mesmo quando estudamos a fala dos informantes do momento em que eles começam a falar a L2, não podemos ter plena certeza de que estamos obtendo dados do estágio inicial mesmo, pois pode existir uma gramática do período silencioso que precede as primeiras produções. Nossas observações repousam, no entanto, sobre o que temos, de fato, nas amostras.

### **Grupo I: Espanhol, Italiano, Francês**

#### **Espanhol**

Para iniciar, tomamos os dados de nosso primeiro trabalho (Fonseca, 1999), sobre a aquisição do PB por uma falante alemã, e contrastamos os dados de aquisição do alemão, uma língua do tipo (-CN), com os dados de uma falante de espanhol, língua do tipo (+CN). Constatamos que a falante de espanhol apresentava a CN já de início, o que não aconteceu com a falante de alemão. Os exemplos abaixo são da entrevista 1 da fala de **Sylvia**, colombiana que estava, há dois meses, em Campinas/SP.

(06) **Non** conocia **ninguém**.

(07) Eu **non** gosto **ningum** tempero

(08) Quando tentei falar **ninguém** me entendia.

A constatação de que CN já fazia parte da fala de Sylvia poderia ser uma indicação de que a falante estava operando na gramática de sua L1 para essa concordância, comprovando, assim, a hipótese do  $S_0 = L1$  e do Acesso Parcial e Indireto à GU, via L1, que assumimos.

### **Italiano**

Se assumirmos que Neg = XP é o valor *default*, a CN no estágio inicial da aquisição dos falantes de línguas (+CN) mostra que eles estão operando em sua L1 e não na gramática *default*. Para confirmar essa hipótese, preparamos testes, que foram aplicados a falantes de Italiano, recém-chegados ao Brasil.

Os testes constaram de um texto em italiano, traduzido pelos informantes para o PB. Se a CN aparecesse na tradução, estaria constatada a transferência, que é indício de acesso à gramática de L1. Os exemplos abaixo são transcrições das ocorrências dos resultados dos testes feitos com informantes de L1 italiano, Dário, Sérgio e Aldo, que estavam há 1 mês e dez dias no Brasil.

(09) não sei explicar como... (Dário)

(10) esperar una resposta que nunca chegava...

- (11) O personal do aeroporto não me...não me deu nenhum aviso.
- (12) Ninguém me disse nada.

Observamos que os falantes de Italiano mostraram a presença da CN nas traduções, em fase bem inicial, sugerindo que a hipótese do  $S_0 = L1$  pode estar correta.

### **Francês**

Para verificar se, mesmo sem o estímulo escrito, como foi o caso do italiano, o falante de línguas [+CN] usariam sua competência em L1, fizemos entrevistas com falantes de francês, para verificar se também mostrariam, de forma análoga aos nossos informantes de espanhol e de italiano, a CN nas fases iniciais.

Os exemplos seguintes são da entrevista 1 de **Rokya**, da Costa do Marfim, informante que tem francês como L1, que estava há dois meses em Campinas/SP.

- (13) Ela **num** fez **nada**, nada.
- (14) A velha **não** fala **nada**. Eles vão ....

A falante apresentou a negação pré-verbal e a CN desde a primeira entrevista, indicando, tal como o previsto, que  $S_0 = L1$ , confirmando, portanto, a hipótese de acesso indireto à GU, via L1.

Outra informante entrevistada foi **Emily**, que nasceu na Suíça, é bilíngue, tendo francês e inglês como L1. Foram feitas cinco entrevistas com a informante, totalizando 120 minutos de gravação. Os exemplos seguintes provêm da fala de Emily.

- (15) Eu não sei signifique. (Entrevista 1)
- (16) Às vezes eu não entende nada. (Entrevista 2)
- (17).muitos têm nada. (Entrevista 4)
- (18) Se é não possível. (Entrevista 4)

Através da análise da fala de Emily, vemos que a informante transferiu do francês o parâmetro de Neg pré-verbal e a CN para a L2. O que parece ser importante no caso, é a negação pré-verbal, em posição de núcleo, que, como sabemos, determina a CN. O exemplo (24), tanto poderia ser uma construção com o *pas* do francês 'C'est pas possible' ou estrutura da língua inglesa, em que o Aux é alçado 'If it's not possible'. Os exemplos mostram que Emily transita entre duas gramáticas, a do francês, que lhe possibilita ter a CN desde o início, e a gramática do inglês, que causa estruturas como a de (--). De qualquer forma, os saberes linguísticos prévios, das duas línguas maternas da informantes, parecem ter sido seu estado inicial e não o *default*.

A previsão da teoria do acesso indireto se confirma, pois, se os parâmetros são iguais, espera-se que a negação pré-verbal e a CN apareçam logo no início do processo de aquisição. E foi o que aconteceu, efetivamente.

A análise desses dados permite a afirmação de que os falantes de espanhol, francês e italiano, mostram ter a negação pré-verbal e a CN desde o início da aquisição do PB, corroborando as hipóteses iniciais mencionadas sobre o acesso indireto à GU, via L1.

Constamos que os falantes de inglês americano analisados falavam também espanhol, e, por conseguinte, já tinham os parâmetros da negação e da CN semelhantes ao do PB. Portanto, não foi possível acompanhar a aquisição desses falantes.

#### CHINÊS - resumo da análise da fala de Johnny

Resumindo, o informante apresentou cinco estruturas distintas em sua aquisição da negação no PB.

**Estrutura (a)** Neg + V      Não sei.      (entr. 1)  
 Eu não fui, eu não vai, eu não vou.  
 (entr. 2)

**Estrutura (b)** Neg + Adv + V    Ele não muito gosta.    (entr. 2)  
 Ele não muito dormir.  
 (entr. 5)

<b>Estrutura (c)</b> Eu V nada.	Eu estudo nada.	(entr. 2)
	Eu faz nada.	(entr. 2)

**Estrutura (d)** Neg V palavras-n      Não pode fazer nada.      (entr. 5)

<b>Estrutura (e)</b> Neg V neg	Não tem não.	(entr. 5)
	Eu faz nada.	(entr. 2)

O estágio em que ele mostra uma gramática intermediária, nos exemplos em (b) revelam que o informante mantinha Neg em XP de sua L1, que é igual ao valor *default*, o que se comprova pela ausência de CN. Houve mudança do parâmetro de XP para X<sup>0</sup>, como demonstrado em (e).

### Polonês como L1 e Português Brasileiro como L2

O polonês, embora seja uma língua de CN e de negação pré-verbal, apresenta a configuração de uma CN na posição pré-verbal, não admitida no PB<sup>30</sup>. A CN do PB, com um item negativo em posição pré-verbal e palavras-n em posição pós-verbal, será denominada de CN do tipo 1 e a do tipo polonês como Concordância do tipo 2. Pela similaridade do tipo de CN1, espera-se que a falante a adquira facilmente, prevendo-se alguma dificuldade para a aquisição da CN2, já que o conhecimento adquirido naquela língua não poderá ser integralmente transferido, em termos de marcação, para o PB.

A informante mostra saber usar o operador de negação *não* do PB, no entanto, observando os dados, para nossa surpresa, vimos que a informante apresenta regularmente uma estrutura com dois itens negativos repetidos. Olga parece perceber que a construção negativa não é exatamente igual ao polonês, daí, titubear<sup>31</sup>. Em (30) ela titubea, mas acerta, uma vez que a falante não usa o *não* nesses casos, mostrando uma estratégia bem consciente.

(19) Tenho que ir falar com gente de DAC e **non non** posso falar ainda..(entr. 1).

<sup>30</sup> O PB admite, para alguns dialetos, o mesmo tipo de CN em posição pré-verbal, encontrada no polonês.

<sup>31</sup> Seria interessante pensar que essa repetição não é um mero titubeio, mas algo que reflete a estrutura do polonês.

(20) E mangos também, mas mangos muito caros. Eu **nunca nunca** comprar. (entr. 1)

(21) Meu primeiro problema é que **non non** falo português bastante, **non non**

posso falar com pessoas, perguntar, eu **non non** entendo, por exemplo

quando pessoas falar rápido. (entr. 1)

(22) Eles querem ter certeza eu tenho dinheiro para ficar aqui ...**ninguém ninguém**

verificou se ele tem ou não tem. Muito estranho. (entr. 6)

A forma dobrada pré-verbal aparece por toda a amostra, tendo sido alta a sua ocorrência na entrevista 1, diminuindo bastante nas entrevistas seguintes até desaparecer na entrevista 10. Observamos que a informante construiu uma fórmula própria com palavras-n dobradas em posição pré-verbal, inexistente no PB.

Pela evidência encontrada nas estruturas dos exemplos, podemos afirmar que existiu uma gramática intermediária na fala de Olga, cuja estrutura não pertencia nem à sua L1 (polonês), nem à língua alvo (português), mas que poderia, possivelmente, ser o caso de um reflexo da estrutura de sua L1. Os exemplos evidenciam que Olga trilhou um caminho semelhante ao de outros falantes que não têm CN em sua L1, isto é, usou como *default* Neg em posição XP, e conseqüentemente [-CN].

Visto que no caso de polonês temos L1 = L2, deveríamos ter, como comprovado no caso das línguas do grupo I, acesso indireto à GU, via L1. Entretanto, a falante mostra ausência de CN, como nos exemplos a seguir:

(23) Não tivemos que ir algumas vezes pra lá...

(entr. 3)

---

(24) Eles não têm certeza sobre coisa.

(entr. 7)

(25) Eles não sabem alguma coisa.

(entr. 7)

A falante não transferiu a estrutura de CN de sua L1 para a língua alvo. A falante não usou o valor do parâmetro que, aparentemente, já estava marcado em sua L1. Esse fato mostra que línguas que fazem CN com palavras-n em posição pré-verbal têm outra marcação do parâmetro, provavelmente uma sub-parametrização, o que poderia explicar porque a falante não transfere essa marcação.

Os exemplos a seguir atestam presença de CN do tipo 1 na fala da informante:

(26) Eu não conheço ninguém.

(entr. 6)

(27) ...mas ela não conhece ninguém.

(entr.6)

(28) Eu não tenho que mostrar nada.

(entr. 6)

(29) mas acho que **não** tem **nada** que você...

(entr. 9).

(30) Ninguém quis nada.

(entr.9)

(31) **Não** quero **nada**.

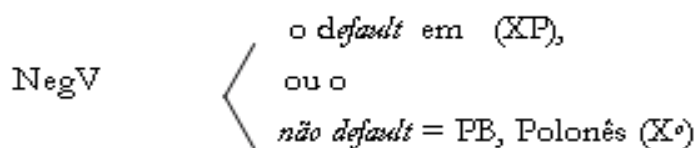
(entr. 9)

(32) **Não** quero **ninguém**, por exemplo.

(entr. 10)

Observando a fala de Olga, vemos que a informante apresenta estruturas que podem ser assim analisadas:

**Estrutura (a)** Neg + V, que pode ser interpretada como:



**Estrutura (b)** com a presença de palavras-n, porém, sem CN, mostra que:

Neg é = *default* = XP<sup>32</sup>

**Estrutura (c)** Neg + nada, ninguém..., mostra que:

Neg passa de “*default*” para X°

Conclusão: S<sub>0</sub> = GU (*default*), ≠ L1.

Concluindo a análise da fala de Olga, percebemos que, nesse caso, para a aquisição do PB, houve o acesso direto à GU, sinalizado pelo *default*, através das evidências de Neg em posição XP e conseqüente ausência de CN.

A questão que surge é: por que a falante deixa de lado o acesso indireto, via L1, abandonando o parâmetro marcado de sua L1, e assume o valor *default*?

Segundo Kato (2004), a visão macro de parâmetro, como um conjunto de propriedades de um mesmo parâmetro, vem sendo questionada. A tendência hoje é por uma visão micro-paramétrica, assentada em sub-parametrizações. O exemplo citado pela autora o PB, que deixou de ser uma língua de sujeito nulo, mas que tem sub-parametrizações para esse fenômeno. Sabe-se que as línguas de sujeito nulo não são uniformes, podendo haver sub-tipos bem definidos, relacionados em sub-conjuntos.

Uma das semelhanças entre o polonês e o PB é na negação, que nas duas línguas se aloca na posição X°, porém, diferem quanto às estruturas da CN. O polonês tem essa concordância na posição pré-verbal com [palavras-n + *nie* + V], opção inexistente no PB, ou com [*nie* + V + palavras-n], de forma semelhante à do PB.

<sup>32</sup> Lembramos que o *input* foi o PB paulista.



Essa diferença pode ser vista como um sub-parâmetro no polonês que o PB não tem. O fato de Olga ter recorrido ao *default* indica que a fixação de um parâmetro não é suficiente para garantir o acesso indireto à GU, há que se considerar também os sub-parâmetros.

## CONCLUSÕES

A parte importante da Teoria do Bilinguismo Universal, para a presente tese, é que ela pode ser interpretada não só como uma hipótese de acesso total à GU, no caso de uma Língua-I, com a G1, mas também como uma hipótese de um acesso indireto, com a G2, via periferia marcada.

A análise dos dados dos informantes, aqui estudados, indica que, na aquisição da negação e da CN do PB/L2 houve:

1) Acesso direto à GU, pela presença do *default*, MDG, atestado na fala dos informantes de polonês e de chinês cantonês, com negação em XP, e consequentemente, -CN.

2) Acesso indireto à GU, via L1, com negação em X<sup>o</sup>, + CN, atestado no caso dos falantes de francês, italiano, espanhol; e via L2, no caso dos informantes americanos, constituindo-se a evidência do acesso indireto, via L2/espanhol, algo inesperado.

Podemos acrescentar que nossos informantes, todos adultos, corroboram a observação de Kato (2002) no sentido de que não existe uma idade crítica para aquisição da sintaxe. Através da análise dos dados desses informantes fica comprovado que houve a aquisição da negação e da concordância negativa do PB por todos eles.

Retomamos a seguir nossas hipóteses de trabalho, apresentando nossas conclusões finais.

As hipóteses que nortearam nosso trabalho apoiaram-se:

(a) no estudo prévio de (Fonseca, 1999), com dados de um sujeito alemão.

- (b) nas teorias sobre negação;
- (c) nas teorias sobre aquisição.

Com relação ao estudo prévio em (a), necessitei, no desenvolvimento da linha argumentativa de meu primeiro trabalho, de lançar mão de dados sobre a gramática emergente da criança que aprende a falar o português brasileiro como língua materna<sup>33</sup>.

Apresentando, abaixo, nossa proposta para o quadro de fases no desenvolvimento da aquisição da CN, temos:

- A)** Presença do operador pré-verbal, com ausência de palavras-n:  
**(-CN)**
- B)** Presença de palavras-n em posição pré-verbal onde o PB não requer CN.  
**(-CN)**
- C)** palavras-n em posição pós-verbal. **(-CN)**
- D)** Presença do operador e das palavras-n, mas com dois VPs **(-CN)**
- E)** Presença do operador *não* em concordância com as palavra-n.  
**(+CN)**<sup>34</sup>:

Os dados analisados da aquisição do PB pelos estrangeiros mostram a relevância da posposição da palavra-n ao V e não simplesmente sua presença para que a CN ocorra. É a presença de itens de polaridade negativa em posição pós-V que detonam a CN, devendo ser esse o *trigger* para a aquisição de tal fenômeno no PB.

Com relação às teorias sobre a negação em (b), entende-se que há uma relação entre a natureza XP, o *default*, e X<sup>o</sup>, a posição marcada, de Neg com a posição de Neg e a possibilidade de CN, da seguinte forma:

<sup>33</sup> No primeiro trabalho os dados foram consultados no CEDAE/IEL/UNICAMP.

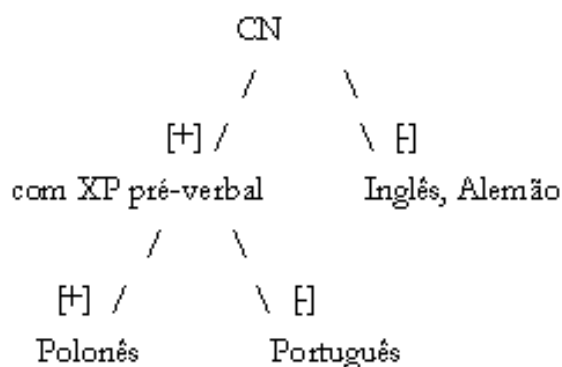
<sup>34</sup> Essa é o caminho que os dados nos apontam. Outros trabalhos serão necessários para que se possa confirmar ou não essa sequência desenvolvimental.

- (b1) Se Neg = X<sup>o</sup> → Neg = pré-verbal e +CN (com elemento pós-verbal);
- (b2) Se Neg = XP → Neg = pós-verbal (e possibilidade de Neg pré V afixal) e - CN.

Duas línguas não se encaixaram perfeitamente nessa hipótese:

- (b3) O polonês que permite CN com elementos pré-verbais;
- (b4) O chinês cantonês que tem a negação pré-verbal afixal, e é - CN.

Para o caso do polonês, aventou-se a hipótese de haver uma subparametrização, cuja representação está a seguir:



O observado foi que a falante polonesa precisou efetuar uma operação de volta ao *default*, para a aquisição da CN no PB. Nesse caso, um subparâmetro foi suficiente para provocar o acesso à gramática *default*, que de acordo com Roeper (1999) está ao alcance do falante.

Não temos, porém, ainda uma hipótese sobre o que determina o subparâmetro que licencia concordância pré verbal. Esse é um assunto que poderá ser objeto de futuras pesquisas.

Para o caso do Chinês Cantonês, mostrou-se, pela posição do advérbio, que o V não se move para I, como no Inglês. O Neg é um XP e pré-

verbal, por conta disso, não possibilitando a CN. Além disso, explica-se a posição pré-verbal de Neg em Chinês Cantonês pela sua natureza afixal.

A história recente da teoria linguística, com a linha chomskiana, com a teoria de Princípios e Parâmetros mostra uma tendência para mudanças de grande abstração. Os parâmetros são vistos como propriedades abstratas que são responsáveis pela variação entre as línguas. A presente pesquisa teve por objetivo, através da observação da manifestação das estruturas das línguas, determinar qual era o parâmetro acessado pelo falante no momento da aquisição de L2, o marcado ou o *default*.

Em Meisel (2000), com a evolução dos estudos na teoria gerativa, o autor, considerando as teorias que tratam da questão da aquisição de uma L2, considera haver acesso indireto, à GU via L1. É nessa linha de pesquisa que o nosso trabalho se insere. Procuramos, através dos dados, verificar de que forma esse acesso se dá. É direto (via *default*) ou indireto (via L1)?

Roeper é o autor, a nosso ver, que realmente oferece uma teoria mais condizente com os dados que obtivemos. Lembremos que ele postula um TP sem Agr para explicar sua teoria do bilinguismo. Os traços de concordância negativa poderão ou não estar presentes na fala do informante, sendo que a CN representa o parâmetro marcado. A forma da negação que encontramos coincide com a proposta de Roeper, o *default* para a negação [VNeg] surge na fala de crianças brasileiras, como comprovado pelos nossos dados.

O presente trabalho comparou dados de aquisição do PB como L1 com os de aquisição do PB como L2. Essa comparação nos ajudou a encontrar um entendimento melhor dos mecanismos que operam nos dois tipos de aquisição. Há consenso, quando se trata da aquisição de L1, quanto ao acesso à GU. Quando o assunto é a aquisição de L2, por não existir tal consenso, procuramos estudar o PB como L2, com o objetivo de esclarecer a questão do acesso.

Com relação a (c), assumiu-se a hipótese de que  $S_0 = L1$ , mas que a GU estaria disponível para o acesso, via MDG. A pista mais forte é a posição da negação em XP, considerada como o *default*, que determina a ausência de CN.

Embora o chinês cantonês tenha possibilidade de ter Neg pré-verbal, o fato de o aprendiz poder determinar que o verbo não sobe para T nessa língua, faz com que a posição do Neg pré-verbal não seja informativo o suficiente para detonar o parâmetro.

A aquisição da negação no PB tem a ver com esses casos e com os casos de sub-parametrização.

## REFERÊNCIAS

- BLEY-VROMAN, R. What is the logical problem of foreign language learning?. In: **Linguistic Perspectives on second language acquisition**. Cambridge: Cambridge University Press: 1989, p. 41-68.
- CAMARGOS, M. **A Teoria de Cópia e a Negação**. Dissertação de Mestrado, UFMG, 2002.
- CARROLL, S. **Input and evidence, the raw material of second language acquisition**. John Benjamins Publishing Company, Amsterdam, 2001.
- CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**. Foris, Dordrecht, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Barriers**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1986.
- \_\_\_\_\_. **A Minimalist Program**, Cambridge, MIT Press, USA, 1995.
- CLASHEN, H. ; MUYSKEN, P. The availability of universal grammar to adult and child learners: A study of the acquisition of German word order. In: **Second Language Research**. v.2, 1986, p. 93-119.
- EUBANK, L. Negation in early German-English interlangue: more valueless features in the L2 initial state. In: **Second language research** 12, 1, 1996: 73-106.
- FONSECA, H. D. C. **Aquisição da Concordância Negativa (CN) no Português Brasileiro (PB) como segunda língua (L2)**. Dissertação de Mestrado em Linguística, Unicamp, Campinas/SP, 1999.
- KATO, M. A . **Aquisição do Português como L2 e a perda do Japonês como L1: um estudo de caso**. (ms), 2002.
- KRASHEN, S. **Principles and practices in second language acquisition**. Oxford: Pergamon, 1982.
- LADO, R. **Linguistics across cultures**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1957.
- LENNEBERG, E. **Biological Foundations of Language**. New York: Wiley, 1967.
- MEISEL, J. M. On transfer at the initial state of L2 acquisition. In: **Working papers in multilingualism**, 2000.

- MIOTO, C. **Negação sentencial no português brasileiro e teoria da gramática**. Tese de Doutorado. Unicamp, Campinas, SP, Brasil, 1991.
- \_\_\_\_\_. 'Tipos de negação'. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, SP, v. 34, 1998, p.103- 117.
- NUNES, J. Linearization of chains and phonetic realization os chains links. In: **Working minimalism**, 217-2249. Eds. S. D. **Epstein and N. Hornstein**. MIT Press, Cambridge, Mass., 1999.
- PINKER, S. **O instinto da linguagem**. BERLINER, C. (Trad.) São Paulo:Martins Fontes, 2002.
- ROEPER T. On universal bilingualism. In: **Bilingualism: Language and cognition**.v.2 , n.3, 1999, p.169-186.
- SELINKER, L. Interlanguage. In: **International Review of Applied Linguistics**. 10, p.209-231,1972.
- SCHWARTZ B. D.; SPROUSE R.L2 cognitive states and the full transfer/full access model. In: **Second Language Research**. v.12, n.1, 1996, p. 40-72.
- TSANG; K.; STOKES S. Syntactic awareness of Cantonese-speaking children. In: **Journal of Child Language**, 28:703-739, 2001.
- VAINIKKA; A.; YOUNG-SCHOLTEN, M. Gradual development of L2 phrase structure. In: **Second Language Research**, 12:7-39, 1996.
- WHITE L. The verb movement parameter in second language acquisition. In: **Language acquisition**. v.1, n.4, 1996, p. 337-60.